

FORMAÇÃO DE PROFESSORES LEITORES: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA MEDIADA

Dra. Marília Forgearini Nunes  0000-0003-3911-5588
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

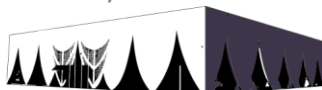
RESUMO: Interessa a este artigo pensar a formação da professora e do professor leitor. A reflexão proposta é sobre a mediação da leitura voltada aos docentes, futuros mediadores de leitura de seus alunos, um processo que precisa se preocupar tanto com a compreensão inteligível desse fazer quanto com a perspectiva sensível que são inerentes à leitura. Dois conceitos servem de base, experiência e interação, de modo a compreender os fazeres da leitura e da mediação, como ações individuais e sociais ao mesmo tempo, e como produtoras de sentido a partir dos modos de interação que acontecem na experiência de leitura mediada. A experiência, a partir de John Dewey e Jorge Larrosa, a interação, com base em Vigotski e os regimes de interação e sentido, da sociosssemiótica explicitados por Eric Landowski, são conceitos e referenciais teóricos de base. O assunto não se esgota com esse estudo, abre-se à possibilidade de pensar que saberes docentes são importantes na formação de mediadores de leitura, apontando alguns princípios para a mediação da leitura que podem ser considerados na formação docente.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; Interação; Formação docente.

EDUCATION OF THE READER TEACHER A MEDIATED READING EXPERIENCE

ABSTRACT: This article is interested in thinking about teacher and teacher reader training. The proposed reflection is about reading mediation aimed at teachers, future reading mediators of their students, a process that needs to be concerned with both the intelligible understanding of this task and the sensitive perspective that is inherent to reading. Two concepts serve as a basis, experience and interaction, in order to understand the actions of reading and mediation as individual and social actions at the same time, and as producers of meaning from the modes of interaction that take place in the experience of mediated reading. Experience, based on John Dewey and Jorge Larrosa, interaction, based on Vygotsky, and the regimes of interaction and meaning, of sociosemiotics, explained by Eric Landowski, are basic concepts and theoretical references. The subject is not exhausted in this study. It opens up the possibility of thinking about what teaching knowledge is important in the training of reading mediators, pointing out some principles for reading mediation that may be considered in teacher training.

KEYWORDS: Reading; Interaction; Teacher education.

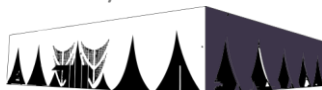


1 INTRODUÇÃO

Nosso objetivo é pensar a mediação da leitura daqueles que serão mediadores de leitura. Pensamos a formação de professoras e professores e a sua formação leitora, duas ações formadoras que em nosso ponto de vista não se dissociam quando se pretende uma mediação que não seja apenas inteligível ou teórica, mas também sensível. Teórica porque entendemos que essa formação é feita por caminhos precisos a serem seguidos, sendo o primeiro, compreender o que é ler, uma compreensão da ordem do inteligível visto que mesmo que haja sensibilidade, é mais segura e regular pois caracteriza uma experiência com tema determinado: saber o que é leitura. Sensível, i. e, "cognitivamente inapreensível" (GREIMAS, 2002, p. 70), porque entendemos a leitura como ação produtora de sentido a partir da experiência do sujeito, com seus modos de ser e agir em interação com o texto, um momento a ser vivido: "nem belo, nem bom, nem verdadeiro mas tudo isto de uma só vez. Nem sequer isso: outra coisa" (GREIMAS, 2002, p. 70). Nossa intenção é promover reflexões sobre a formação da professora-mediadora, do professor-mediador, compreendendo esse processo formativo tanto na sua perspectiva teórica quanto prática, possibilitando não apenas aprender e entender o que é ensinar a ler, mas também o que é aprender a ser e se tornar leitor.

Essa dupla perspectiva, teórica e prática ou inteligível e sensível, para que o ler seja vivido do individual (professor-leitor) para o coletivo (professor-mediador de leitura), torna a formação de professores-leitores, mediadores da leitura de outros, uma construção formativa complexa, que não se resume a uma única ação, a um único saber, a uma única experiência.

A partir desses argumentos discutimos dois conceitos - experiência e interação - com base nas concepções de John Dewey e Jorge Larrosa sobre a



experiência, e na compreensão acerca da interação social no desenvolvimento humano de L. S. Vigotski (1998). Esses conceitos dialogarão com as ideias de Eric Landowski (2014;2014a) sobre interação e sentido para pontuar alguns modos de ser e agir tanto de leitores quanto de mediadores que são importantes no fazer da leitura e na formação do docente mediador de leitura.

A delimitação desses conceitos são a base para pensar a leitura e a sua mediação como ações contidas no processo de formação docente. Delimitaremos princípios importantes para professores mediadores de leitura vivenciarem e possibilitarem experiências de leitura mediada de maneira significativa e inteligível. A reunião dessas reflexões pretende demonstrar a complexidade do fazer da mediação em leitura e nos provocar a retornar para o nosso fazer leitor, que é o ponto de partida para que se possa ser e agir como mediador de leitura de maneira mais qualificado, consciente, atento não apenas ao aspecto inteligível desse fazer, mas também ao sensível.

2 LER: EXPERIÊNCIA INDIVIDUAL E COLETIVA

O que nos torna leitores? Podemos responder a esse questionamento de diferentes maneiras. Nossa resposta será construída a partir do conceito de experiência, compreendendo a leitura como algo que precisa não apenas ser aprendido e vivido de modo restrito, apenas técnico, mas essencialmente precisa ser experimentado de modo amplo, tanto inteligível quanto sensível. Tornamo-nos leitores a partir da compreensão sobre o sistema de escrita alfabética em nível de alfabetização, e de suas as relações semânticas, sintáticas pragmáticas e discursivas com vistas a produzir sentido a partir do texto que leio, mas esse conhecimento conceitual e programado não é suficiente. Ler um texto é mais do que compreender o que o texto diz e como faz para dizer. Ler é voltar o meu olhar



para o texto, compreender a sua linguagem e intenção interativa, é predizer possíveis sentidos, é buscar conhecimentos prévios e colocá-los em diálogo com o que o texto me apresentar. Ler um texto é produzir sentidos a partir da interação das minhas ideias com as ideias do autor presentes no texto, dando nova forma ao conteúdo discursivo elaborado nessa interação.

Não realizamos tal fazer de modo espontâneo, sem ter passado pela mediação de alguém que nos aproxima de todos esses conhecimentos e consciências. Não nascemos leitores, nos tornamos leitores. Nós, seres humanos, inventamos a leitura e essa invenção impulsionou uma reorganização do nosso cérebro, ampliando nossa capacidade de pensar (WOLF, 2007). Ler exige uma ação intensa de nosso cérebro que não é natural, necessitamos da interação mediada socialmente para sermos leitores. Precisamos ser mediados para ler, um processo de múltiplas facetas (cognitiva, histórica, social, cultural) que contribui para nossa capacidade de pensar, sentir, inferir e compreender outros seres humanos. O desenvolvimento e a evolução do cérebro leitor acontece em uma dinâmica dupla, a partir da capacidade plástica cerebral, de nos modificarmos, de nos adaptarmos, de estabelecermos conexões neuronais diante dos textos e por meio das experiências de leitura já vividas, pois “muito do modo como pensamos e aquilo que pensamos está baseado em conhecimentos prévios e associações decorrentes daquilo que lemos¹”(WOLF, 2007, p. 5).

Esse modo de compreender como nos tornamos leitores, auxilia-nos também a entender que mediar a leitura implica tanto possibilitar a evolução do aspecto biológico do nosso cérebro leitor quanto oportunizar experiências que ampliem o nosso referencial leitor (os aspectos pessoal, sensível e intelectual implicados nessa atividade cerebral). Essas experiências cerebrais de leitura revelam maior ou menor motivação em relação à leitura, um comportamento leitor

¹ Tradução nossa.

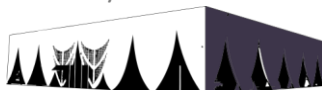


mais sensível ou mais racional. Tais comportamentos leitores, reforçando o que já dissemos, não nos escolhem de modo individual, mas primordialmente são tomados pela maneira com que conhecemos e vivemos a leitura, pela maneira como somos mediados para o ler.

Termos experiência ou sermos experientes em um fazer significa, termos passado por aquele fazer, sermos o ator da ação principal, encarná-la, sermos tocados por ela, sermos seu veículo. Para Jorge Larrosa (2002, p. 21), “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”, no entanto, muito do que passamos em nosso dia a dia, não nos contagia, apenas passa. Penso que tal reflexão, feita pelo filósofo neste artigo, publicado há duas décadas, precisa ser considerada com mais atenção no momento atual, ou mais especificamente a cada dia, quando avançam mais as redes sociais com suas comunicações rápidas e nossas experiências acabam por serem afetadas por elas.

Vivemos um momento no qual as interações acontecem cada vez mais por meio da leitura, porém esse acréscimo interfere também na linguagem que predomina, lemos cada vez mais o texto visual do que verbal, as interações leitoras são também cada vez mais efêmeras, ultrapassando até mesmo a efemeridade da notícia de jornal, que de um dia para outro assumia outra função, a de enrolar o peixe na peixaria. Ler jornal hoje já é uma ação pouco presente no cotidiano, independente se leitor costumeiro ou não. Tais reflexões sobre a rapidez e, por vezes anestesia (ficar sem sentidos), com que vivenciamos o cotidiano e suas experiências tornam-se pertinentes e necessárias ainda mais no contexto da formação docente tendo em vista o nosso papel mediador.

Jorge Larrosa (2003) ao falar sobre a leitura, toma essa ação como formação e a formação como leitura, isso implica pensarmos a leitura relacionada à subjetividade do leitor, uma experiência relacionada com o que o leitor sabe e com o que ele é. Ler é o que possibilita constituir o sujeito leitor, uma experiência pela



qual eu preciso passar para que eu me constitua e, sendo professor, entendemos que também seja o que habilita a auxiliar o outro a também viver essa experiência.

Essa experiência exige sensibilidade, precisa nos tocar, nos deixar marcas que possibilitem a sua recuperação, a sua acumulação. E nesse movimento, que acumula e recupera, há que considerarmos também o tempo. A leitura não é uma atividade de velocidade, "[...] depende do mundo que tenha sido contemplado e da forma sutil como tenha sido incorporada a experiência para perceber a complexidade e o emaranhado da aparência" (ANDRUETTO, 2012, p. 20). O acúmulo de experiências de leitura não está para a rapidez com que lemos, mas para o tempo que nós dispendemos para ler, refletir, retomar, reler, viver a leitura.

O conceito de experiência foi discutido por John Dewey (1979, p. 32), que o colocou em pauta para pensar um modo de educar que considera não apenas as condições objetivas desse fazer, mas também os sujeitos envolvidos:

A responsabilidade primária do educador não é apenas a de estar atento ao princípio geral de que as condições do meio modelam a experiência presente do aluno, mas também a de reconhecer nas situações concretas que circunstâncias ambientes conduzem a experiências que levam a crescimento. Acima de tudo, deve saber como utilizar as condições físicas e sociais do ambiente para delas extrair tudo que possa contribuir para um corpo de experiências saudáveis e válidas.

Por isso, entendemos que ensinar a ler, mediar a leitura não são fazeres apenas técnicos, são experiências individuais a serem vividas em um contexto, considerando a história dos sujeitos, sua inserção social, suas experiências prévias, presentes e as que virão.

Compreender a experiência da leitura desse modo, leva-nos ao conceito de leitura que assumimos nas nossas reflexões, uma atividade de compreensão que não está centrada somente no autor que produz o texto, nem somente no texto e também não coloca apenas no leitor a responsabilidade da produção de sentido. A leitura é compreendida por nós como ação interativa, complexa e voltada à

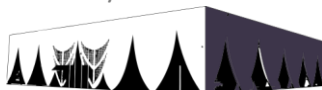


produção de sentidos (KOCH; ELIAS, 2017; ALLIENDE; CONDEMARÍN, 2002; SANCHÉZ MIGUEL, 2012), uma interação que procura colocar em interação o autor, o texto produzido por ele e o leitor, que se volta para esse texto com seus conhecimentos prévios, buscando conhecer e dialogar com o que está no texto e, conseqüentemente, com seu autor.

A experiência da leitura não é uma busca pelas ideias do autor, num processo de conhecer o seu pensamento presente no texto - modelo descendente de leitura, não é uma confirmação das nossas ideias - modelo ascendente de leitura (ALLIENDE; CONDEMARÍN, 2005; SANCHÉZ MIGUEL, 2012). A experiência da leitura é um fazer diante do texto em busca de novas perspectivas, para que possamos confrontar nossas ideias, reorganizar nosso conhecimento ou conhecer novos pontos de vista, numa interação que tem o texto como mediador entre autor e leitor, sendo o leitor quem produz sentidos a partir dessa experiência.

A experiência da leitura é, portanto, um encontro com o texto mediado pelo próprio texto ou por um mediador que auxilia no relacionamento entre autor e leitor, é permitir-se ser tocado pelas ideias do autor a partir do texto, é passar pela experiência do outro para melhor compreender a sua própria experiência, é retomar, é rever, é (re)construir conhecimentos. Essa experiência carrega na sua essência a interação, um relacionamento que não se resume ao tríptico autor-texto-leitor, mas envolve também um outro que possibilita essa interação quando o leitor ainda não é capaz de ler de modo independente. Consideramos o leitor dependente aquele que ainda conhece o sistema alfabético, ou aquele que ainda não interage com o texto e seus recursos de significação (verbais-linguísticos, imagéticos-visuais) de maneira eficiente.

Somos todos leitores, somos todos leitores mediados por outros sujeitos e pelos textos que lemos. Alguns de nós, assumimos a partir do conhecimento



adquirido a função mediadora como inerente ao nosso fazer profissional. Nós, professoras e professores, somos por essência mediadoras e mediadores de leitura. Intermediamos o encontro entre texto, autor e leitor em formação, buscando promover a independência leitora já alcançada por nós que mediamos a leitura e já somos leitores. É por meio do nosso fazer, dos nossos modos de ser e agir diante do texto, que promovemos a independência leitora dos nossos alunos.

No processo de formação docente (ou na educação de modo geral), as experiências propostas para que sejam efetivamente experiências vividas em sua plenitude, o fazer precisa considerar dois princípios (DEWEY, 1979; 2005): o princípio da continuidade e o princípio da interação entre condições objetivas da experiência e os estados imediatos internos do sujeito envolvido na experiência. Esses princípios são importantes para que as experiências de leitura não sejam pontuais, mas estabeleçam um *continuum* que possibilitará o desenvolvimento leitor, bem como não ignorem a relação entre o que se pretende viver com a leitura (objetivos a serem alcançados) e o que já foi vivido pelos leitores.

Os modos de ser e agir do mediador de leitura no processo de formação docente precisam ser compreendidos para que se estabeleça a "relação íntima e necessária entre os processos de nossa experiência real e a educação [leitora]" (DEWEY, 1979, p. 8), para que a experiência da leitura se prolongue em outras experiências leitoras e de mediação de leitura, pois as "experiências [...] devem ser do tipo das que irão influir frutífera e criadoramente nas experiências subsequentes" (DEWEY, 1979, p. 17). Assim, o que apresentamos a seguir é uma maneira de compreender a produção de sentido a partir de diferentes regimes de interação e sentido (LANDOWSKI, 2014) que nos possibilitam pensar sobre como a mediação da leitura pode promover ou limitar a relação significativa do leitor com o texto, tornando essa experiência mais significativa, mais prolongada, mais



transcendente tanto para o leitor individual quanto para o mediador de leitura que o docente busca ser.

3 MEDIAÇÃO DA LEITURA: MODOS DE SER E AGIR NA PRODUÇÃO DE SENTIDO

A experiência é algo que nos acontece continuamente devido a interação das criaturas vivas e das condições do ambiente envolvidas no processo de viver, como nos explica Dewey (2005) e essas interações produzem sentidos a partir dos modos de ser e agir dos envolvidos. A sociossemiótica volta seu olhar para as interações cotidianas, experiências vividas e pretende “descrever não as coisas mesmas [sujeitos e objetos envolvidos], mas a maneira como lhes atribuímos sentido projetando sobre elas um olhar que organiza suas relações” (LANDOWSKI, 2014, p. 11). Valendo-nos dessa intenção da teoria semiótica, procuramos voltar o nosso olhar para as relações que se estabelecem a partir da figura do mediador que aproxima o texto do leitor em formação. Voltamos nosso olhar a compreender as interações que podem se estabelecer na experiência de leitura mediada que podemos propor nas diferentes salas de aula em que a educação acontece e identificarmos modos de ser e agir que se sobrepõem, se combinam, se transpõem e se complementam na experiência vivida.

A sobreposição, a combinação, a transposição e a complementaridade entre os regimes de interação delineados por essa perspectiva teórica de compreensão da produção de sentido revelam diferentes possibilidades e potencialidades da significação decorrente da experiência. Essa experiência por vezes pode ser disfórica, insignificante ou insensata, uma experiência incompleta por não ter sido vivida plenamente, ou eufórica, carregada de sentido e revelando-se experiência completa individual e auto-suficiente relevante para outras experiências futuras. Tais resultados não dependem “pura e simplesmente de humores subjetivos,



mutantes e inexplicáveis [...] vão acompanhados da diversidade dos regimes de presença e interação nos quais se inscrevem nossas relações com o mundo e com o outro” (LANDOWSKI, 2014a, p. 16), dependem, portanto, dos modos de ser e agir dos sujeitos da experiência, do modo como interagem entre si e com os objetos de sentido implicados na experiência vivida.

O que a sociossemiótica oferece é material para pensar como o sentido se dá em ato, na experiência vivida, observando os processos de interação e que sentidos podem surgir deles, volta-se a analisar as "interações (entre sujeitos ou entre o mundo e os sujeitos) que presidem a construção mesma do sentido e tornam em consequência possível a emergência de configurações inéditas” (LANDOWSKI, 2014b, p. 12). A apreensão do sentido vista sob essa perspectiva teórica coloca a interação em foco, pois a partir dela, dos modos de ser e agir dos sujeitos e objetos implicados nessa (inter)ação é que o sentido se estabelece em um movimento que não compreende apenas um modo de ser, de agir ou de fazer, mas a sobreposição, a combinação, a transposição e a complementaridade entre modalizações do ser e do fazer: o querer, o saber e o poder.

O fazer mediador em sala de aula assume uma postura não pautada na casualidade ou no inesperado. A mediação da leitura está implicada no fazer docente, pensada previamente pelo mediador-docente a partir do fazer que planeja, situa seus objetivos e ações a serem realizadas e (re)conhece os sujeitos envolvidos para que as intenções de ensino e aprendizagem sejam alcançadas. Esse fazer do planejamento organiza a interação, estabelece o programa para que o fazer ser leitor aconteça, para que a experiência da leitura se complete. Tal regularidade é necessária para que a ação se estabeleça: o mediador precisa conhecer o texto, viver a experiência da leitura desse texto para poder levá-lo aos outros leitores, precisa também planejar essa leitura, perceber as “sinalizações”



textuais" (KOCH; ELIAS, 2017, p. 12, grifo das autoras) para auxiliar no percurso de produção de sentido.

No entanto, a regularidade programada não se estabelece sem que haja intenção e reciprocidade (LANDOWSKI, 2014). Não há ação mediadora sem leitor e sem texto, buscar a motivação intencional para a leitura é necessário. O ponto de partida se dá no (re)conhecimento do texto que será mediado, uma experiência que passa tanto pela individualidade do mediador - o sensível do ler -, quanto pelas condições objetivas da leitura - o inteligível do ler. Essa experiência de leitura é essencial para que a intencionalidade que motiva para a leitura seja coerente, contagiante e verdadeira no fazer da mediação.

Ter uma programação definida, motivar de maneira intencional para o ler colocam no fazer mediador um grau de prudência importante tendo em vista que a experiência de leitura mediada em sala de aula ela não é apenas sensível, mas ela também traz o seu grau de inteligibilidade, de preocupação com objetivos claros que o professor tem com a formação do leitor.

No entanto, o fazer ser leitor precisa do fazer sentir, isto é, precisa possibilitar que o leitor seja tocado pela experiência, viva-a. A interação promovida pela experiência de leitura mediada exige também a percepção e a reação individuais do leitor diante do texto, não se reduzindo à regularidade de uma leitura pré-determinada e motivada apenas para persegui-la. A motivação bem conduzida convida o leitor a se inserir na regularidade do fazer da leitura, na interação com o texto, mas essa interação precisa ser baseada em uma sensibilidade que ajusta os modos de ler esse texto, tendo em vista que não há somente um leitor com os olhos voltados para ele. Mediar a leitura precisa ser uma ação caracterizada como especializada, não um agir qualquer diante do texto. A leitura exige a co-participação do leitor e do texto e o mediador se colocando



entre eles de maneira a criar oportunidades de interação sensível não guiada pela hierarquia

Ao permitir que o leitor mediado seja participante da produção de sentido, possibilitando que ele sinta também o texto, compreenda-o a partir da sua perspectiva, ingressamos na “constelação da aventura” dentro do esquema proposto por Landowski (2014a) para compreender as relações entre interação e sentido. Possibilitamos ao leitor que vivencie o “puro risco” o “aleatório”, características de uma interação acidental como define Landowski (2014) e que em relação à leitura se faz presente na compreensão do mediador de o sentido não está somente no texto, nem somente no autor, tampouco se reduz ao leitor, mas é algo que resulta da interação dessas perspectivas. Promover tal interação exige do mediador estar aberto a outros sentidos, a outras leituras possíveis para o texto lido.

Esse modelo de como as interações se sobrepõem, se combinam, se transpõem e se complementam e possibilitam a produção de sentido, permite-nos definir que o fazer mediador não se encerra no ler, nem no compreender, nem no planejar, nem no motivar. Tampouco esse fazer é permissivo a leituras livres que deixam o leitor dar vazão aos seus sentidos sem qualquer relação com o texto, bem como não se reduzem ao ler descontínuo, apenas por deleite e sem espaço para conversar, pensar, relacionar. Mediar a leitura é viver a experiência da leitura a partir desses diferentes modos de interagir que promovem a produção de sentidos, é um fazer que se baseia tanto na prudência, de regimes de interação programados ou estrategicamente manipulados, quanto na aleatoriedade, de regimes ajustados ou acidentais (LANDOWSKI, 2014, p. 80), que busca equilíbrio entre o fazer ser leitor e o fazer fazer ler, entre o resultado que se tem como meta, formar leitores, e o modo de fazer esse leitor querer e sentir ser leitor.



Esse equilíbrio, entendemos que pode ser encontrado tomando por base alguns princípios:

- 1- com base na relação entre interação e sentido modelada pelos regimes de interação propostos por Landowski (2014;2014a), a leitura é uma atividade interativa e produtora de sentidos;
- 2- com base em Bondía Larrosa (2002) a leitura é uma experiência que precisa ser vivida de maneira solitária no encontro com o texto, porém, solidária na sua interpretação como afirma Cosson (2006);
- 3- mediar para a leitura requer uma interação especializada baseada nas seguintes ações do mediador (NUNES, 2007; BAJOUR, 2012): permitir a alternância de papéis; deixar os aprendizes à vontade para se expressarem; não ter pressa; e, compreender que mediar não é conduzir, mas auxiliar, oferecendo espaço para conversar sobre o que se lê;
- 4- e, a prática da leitura mediada é perpassada por diferentes modos de ser e agir que possibilitam a produção de sentido (NUNES, 2013).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao assumirmos o fazer profissional da educação, passamos a ser leitores que também pensam sobre a mediação da leitura. Não lemos mais apenas para nós, mas precisamos ler com múltiplos olhos, com olhos que percebem o texto de modo diverso e diferente do nosso. Passamos a ser responsáveis por possibilitar a experiência da leitura, considerando seus objetivos teóricos e os objetivos do leitor que precisa da nossa mediação para viver essa experiência de maneira efetiva e também eficiente (GOODMAN, 1990).

A leitura efetiva é aquela que compreende a(s) linguagem(ns) que constituem o texto e produz sentido a partir dessa compreensão, trata-se de um processo que



precisa da solidariedade do outro para que eu conheça o sistema que constitui o texto - verbal ou visual. A leitura eficiente é a continuidade dessa experiência que permite ao leitor abdicar da mediação do outro por já ser capaz de ler e produzir sentido por si mesmo, mas tudo porque passou por experiências de leitura que mediaram a sua aproximação ao texto, que possibilitaram a interação com o texto utilizando estratégias de leitura adequadas para que o texto se abrisse ao seu olhar.

Tanto o leitor efetivo quanto o eficiente precisam da mediação para assim serem e agirem, não prescindem dessa ação que os aproxima do texto para ler e produzir sentidos a partir do que leem. O fazer do mediador na proposição das experiências de leitura é que delimitará se efetividade e eficiência leitora será alcançadas. Possibilitar a efetividade na leitura é o que permite ao leitor produzir sentido a partir do que lê, porém a eficiência na leitura torna esse fazer mais confiante, mais aberto à experiência sensível. O mediador é quem guia o leitor frente ao texto auxiliando a descobrir caminhos rumo a produção de sentidos, oportuniza interações programadas para a formação leitora que sensibilizam o leitor para ler, para que se entreguem ao aleatório da leitura de um novo texto a cada nova experiência, tomando cada oportunidade de leitura como experiência sensível que permite viver efetivamente a leitura de modo eficiente.

Ser professor-leitor ou mediador de leitura é compreender de modo efetivo e eficiente a leitura, uma experiência que precisa ser vivida como leitor para que se possa mediá-la depois. O docente mediador de leitura, precisa ser capaz de sentir como leitor e fazer sentir a leitura, para resistir aos imprevistos da leitura, para aventurar-se pelos diferentes textos e leituras e ser capaz de fazer o seu aluno querer ler, viver a leitura, sentir a leitura, compreender a leitura. Tais ações, modos de ser e agir precisando ser experiências oportunizadas na formação



docente para que o futuro docente seja mediador eficiente e efetivo na mediação de novos leitores.

REFERÊNCIAS

ANDRUETTO, M. T. **Por uma literatura sem adjetivos**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

ALLIENDE, F.; CONDEMARÍN, M. **A leitura**: teoria, avaliação e desenvolvimento. Porto Alegre: Artmed, 2005.

BAJOUR, C. **Ouvir na entrelinhas**: o valor da escuta nas práticas de leitura. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 28 nov. 2022.

COSSON, R. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

DEWEY, J. **Experiência e educação**. Tradução de Anísio Teixeira. 3.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

DEWEY, J. **Art as experience**. New York: Penguin Group, 2005.

GOODMAN, K. S. O processo de leitura: considerações a respeito das línguas e do desenvolvimento. In: FERREIRO, E.; PALACIO, M. G. **Os processos de leitura e escrita**: novas perspectivas - Editora Artes Médicas, 1990, p. 11-22.

GREIMAS, A. J. **Da imperfeição**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. Leitura, texto e sentido. In: KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2017, p. 9-38.



LANDOWSKI, E. **Interações arriscadas**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014a.

LANDOWSKI, E. Sociossemiótica: um teoria geral do sentido. **Galaxia**, São Paulo, n. 27, p. 10-20, jun. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/gal/a/bPV5nZ7ZFrRyJP74QNry9yB/?lang=pt>. Acesso em: 28 nov. 2022.

NUNES, M. F. **A leitura de narrativas infantis verbo-visuais**: interação do leitor com a palavra e a visualidade por meio da mediação. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2007, 281f. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-graduação em Letras, Faculdade de Letras, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2007.

NUNES, M. F. Mediação em práticas de letramento visual: programação, manipulação e ajustamento. In: XXV Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 2016, Porto Alegre. **Anais** [...]. Porto Alegre: ANPAP/UFRGS, 2016. v. 1. p. 2992-3001. Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2016/simposios/s6/marilia_forgearini_nunes.pdf.

SANCHÉZ MIGUEL, E. *et al.* **Leitura na sala de aula**: como ajudar os professores a forma bons leitores. Porto Alegre: Penso, 2012.

VIGOSTKI, L. S. **A formação social da mente**. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WOLF, M. **Proust and the squid**: the story and science of the reading brain. New York: Harper Perennial, 2007.

Recebido em: 09-09-2018

Aceito em: 20-09-2022

